



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

EDUCAÇÃO AMBIENTAL APLICADA AO ECOTURISMO NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO PÓLO DE ECOTURISMO DA ILHA DE SANTA CATARINA

Fernando Protti Bueno¹

RESUMO

Essa pesquisa objetivou identificar e analisar junto aos gestores das unidades de conservação do Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina (PEISC) a aplicação da educação ambiental no ecoturismo. O PEISC localiza-se na Região Sul do Brasil, no Estado de Santa Catarina e compreende o município de Florianópolis e seu entorno. Ao pressupor-se que a educação ambiental constitui uma indispensável ferramenta ao planejamento e ao desenvolvimento das atividades de ecoturismo, por sensibilizar seus envolvidos acerca dos benefícios da conservação da natureza, pretendeu-se revelar as modalidades de educação ambiental aplicadas no ecoturismo das unidades de conservação formadoras do pólo supracitado. Adotaram-se como procedimentos metodológicos, para a coleta de dados, o método qualitativo e as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de entrevista estruturada, bem como, as técnicas de análise documental e do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), para a análise dos dados coletados. Os resultados mostram uma intrínseca relação entre o ecoturismo e a educação ambiental e a identificação de que a educação ambiental desenvolvida pelos gestores das unidades de conservação no ecoturismo está dissociada dos escopos teórico-metodológicos apresentados pelo aprendizado seqüencial, pela interpretação ambiental e pela educação no processo de gestão ambiental.

¹ Mestre em Turismo e Hotelaria pela Univali – Universidade do Vale de Itajaí/SC. Professor Assistente do Curso de Turismo da Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Experimental de Rosana – CEP 19274-000 – São Paulo – Rosana – Brasil – fernando@rosana.unesp.br.

Palavras-chave: ecoturismo, educação ambiental, unidades de conservação, Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina.

ABSTRACT²

The research presented here aimed to identify and to analyze together with the managers of the Conservation Units of the Ecotourism Center of Santa Catarina Island (PEISC) the application of environment education in ecotourism. The Ecotourism Center of Santa Catarina Island is located in the South Region of Brazil, in the State of Santa Catarina, it includes the city of Florianópolis and its surrounding area. Stating that the environment education constitutes a crucial tool to plan and develop ecotourism activities, by touching the people involved in it concerning the benefits of nature conservation, this research intended to reveal the modalities of environment education applied in the ecotourism of the Conservation Units which form the pole mentioned above. The methodological procedure adopted in order to collect information was the qualitative method; the bibliographic research and documental technique; And structured interviews, as well as the documental analyses technique and the Analyses Discourse of the Collective Subject (DSC) technique for the analysis of data. The results show an intrinsic relation between ecotourism and environment education, and the identification that the environment education developed by managers of the Conservation Units in ecotourism is dissociated of a range of method-theoretical frames presented by the flow learning, the environment interpretation, and the education within the environment management process.

Keywords: ecotourism; environmental education; conservation units; Ecotourism Center of Santa Catarina Island.

Introdução

O turismo realizado em áreas naturais, caracterizado tanto como um segmento de mercado turístico quanto uma atividade humana, de caráter turístico-recreativo, realizada em ambientes naturais, tem sido considerada pela Sociedade Internacional de Ecoturismo³ (2000 *apud* MASTNY, 2002) e pela Organização Mundial do Turismo⁴ (2003), como um segmento turístico que possui o mais alto índice de crescimento (20% a 30% ao ano) e também como uma tendência para o mercado turístico, pois realiza a busca por áreas naturais protegidas, muitas vezes caracterizadas como unidades de conservação, com o intuito de contato e de contemplação da natureza, bem como, de desenvolvimento de atividades educativas e com características de aventura.

² Revisão realizada por Cândice Diniz Silva – Graduada no Curso de Bacharelado em Psicologia pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Graduada (*Lato Sensu*) em Letras – Ensino de Língua Inglesa como Idioma pela PUC/RJ – Pontifícia Universidade Católica.

³ TIES - The International Ecotourism Society.

⁴ OMT - Organização Mundial do Turismo.

Diante das características desse segmento e também da variedade de atividades turísticas realizadas em ambientes naturais, considera-se o ecoturismo, diferentemente dos outros tipos, como um tipo de turismo realizado nesses ambientes naturais e, supostamente conservados, que prioriza tanto as atividades esportivas e com características de aventura quanto às ações educativas que se utilizem desse espaço (a natureza) e dessas atividades (contemplação, observação, integração) como práticas educativas (PIRES, 2002. RAMOS, 2005. SERRANO, 2000a, 2000b).

Com isso, entende-se que a vertente educacional do ecoturismo concretiza-se por meio da educação ambiental e, em função disso, questiona-se como a educação ambiental é ou pode ser aplicada ao ecoturismo? Pressupõe-se que a educação ambiental seja desenvolvida a partir de um processo educativo e não meramente como forma de reproduzir informações ambientais, sendo assim, desenvolvida por meio de um processo metodológico, mas qual(is) seria(seriam) esse(s)? E como desenvolver esse(s) processo(s) ou metodologia(s)?

Diante desses questionamentos, a presente pesquisa teve por objetivo geral analisar a aplicação da educação ambiental no ecoturismo das unidades de conservação do Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina (PEISC). Para tanto, teve-se como um dos objetivos específicos, identificar as modalidades de educação ambiental aplicadas ao ecoturismo. Limitou-se a analisar esses objetivos sob o ponto de vista dos gestores das unidades de conservação formadoras do PEISC, por compreendê-los como os possíveis responsáveis pelo planejamento e pelo desenvolvimento da educação ambiental no ecoturismo das unidades de conservação. Com isso, teve-se como outro objetivo específico, reconhecer junto a esses gestores e/ou junto aos responsáveis por essas unidades de conservação a importância da aplicação da educação ambiental no ecoturismo.

Essa análise também se limitou ao espaço geográfico que compreende o PEISC, localizado na Região Sul do Brasil, mais especificamente, na Ilha de Santa Catarina, que compreende a cidade de Florianópolis e seu entorno, sendo delimitado pela disposição geográfica das unidades de conservação existentes na região – ao norte a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, ao sul o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e a noroeste a Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim (MAGALHÃES, 2001).

Pressupôs-se como resultados dessa pesquisa, a delimitação das possíveis relações entre o ecoturismo e a educação ambiental, bem como, a identificação das modalidades de educação ambiental e, o vislumbre da importância da aplicação dessas modalidades possivelmente aplicadas ao ecoturismo nas unidades de conservação do PEISC.

Aporte Teórico

O ecoturismo, tanto como um segmento de mercado turístico quanto como uma atividade humana, se caracteriza por viagens realizadas em meio à natureza, que se utilizam predominantemente dos recursos naturais como forma de atração e de visitação turística, constituindo-se como uma matéria-prima para o desenvolvimento do ecoturismo.

Trata-se de um movimento turístico recente, pré-concebido no ideal conservacionista do movimento ambientalista, que tem atualmente, obtido relevância nas esferas econômica, social, cultural e ambiental, principalmente por pressupor a integração e a viabilização dessas esferas sob o prisma simultâneo de utilização do espaço natural e de sua conseqüente conservação.

Mesmo antes das definições dos termos e da comercialização de atividades relacionadas ao ecoturismo, a busca por viagens à natureza (montanhismo nos Alpes - séc. XVIII; visitação nos parques nacionais norte-americanos - *Yellowstone* em 1872 e *Yosemite* em 1896; safáris de caça e safáris fotográficos na África - séc. XX) com fins turístico-recreativos já se destacavam como algo novo ou inédito, tendo o ser humano em seu subconsciente a sempre necessidade, bem como, a sensação de curiosidade e mesmo um ideal nostálgico de buscar a vivência e a contemplação desse espaço natural (CASCINO, 1998. PIRES, 2002. RODRIGUES, 2003. SERRANO, 2000b. WESTERN, 2002).

Em função dessa busca e do aumento de visitação em áreas naturais com finalidades turístico-recreativas surgem uma série de tipologias para caracterizar e, ao mesmo tempo, diferenciar os tipos de turismo realizados em áreas naturais. Na tentativa de estabelecer diferenças potenciais entre as atividades desenvolvidas em meio à natureza, tais como o turismo de natureza, o ecoturismo e o turismo de aventura Fennell e Eagles (1990 *apud* FENNELL, 2002) elaboraram um espectro da atividade turística que sugere as variáveis de preparação e de treinamento; de resultados e de riscos conhecidos e/ou desconhecidos; e de certeza e de segurança como critérios a serem abordados na diferenciação de tais atividades.

Em complemento a isso, Ramos (2005, p. 475) ressaltou que para a identificação e a classificação de qualquer uma das tipologias supracitadas é necessário analisá-las de acordo com o contexto⁵ em que suas atividades estão inseridas, além disso, explicita que “quanto

⁵ Esses contextos estão relacionados tanto ao planejamento quanto a logística operacional da viagem ou de determinada atividade.

menos intensa no sentido de esforço e mais educativa no sentido de interpretação do ambiente visitado, mais próxima a atividade estará do ecoturismo”, bem como, “[...] quanto mais imersiva, incerta, de risco e com o componente de ‘adrenalina’, mais próxima essa atividade estará dos elementos que definem a aventura”. O mesmo autor (Ibid.) também destaca que “[...] quanto menor a logística somada à menor habilidade específica requerida e menor a necessidade de segurança da atividade, mais próxima estará do turismo na natureza, em que os clientes terão baixo compromisso com as atividades e as questões ambientais”.

Para tanto, além de considerar os aportes teóricos até então apresentados, ressalta-se que essa pesquisa utiliza como pressupostos as considerações de Pires (2002) e de Serrano (2000a, 2000b), que identificam o ecoturismo como um segmento derivado do turismo na natureza, mesmo havendo uma pluralidade de termos e de conceitos, que envolve um conjunto variado e pouco definido de atividades turísticas posicionadas na interface entre o turismo e o meio ambiente, principalmente, o natural, sugerindo assim, que o ecoturismo seja uma idéia guarda-chuva que aglutina inúmeras atividades, como por exemplo, o *rafting*, o *rappel*, as escaladas, o mergulho, o *trekking*, a observação de fauna e flora, entre outras.

Diante do exposto e como forma de complementação teórica em bases documentais, admite-se a referência conceitual de ecoturismo estabelecida nas DPNE – Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (BARROS II e LA PENHA, 1994), por enfatizar a importância do ecoturismo na sociedade, não apenas baseada no aspecto econômico, mas principalmente, por valorizar seus potenciais educativos e de conservação da natureza, ambos, passíveis de serem alcançados pelas possíveis sensações e experiências realizadas diretamente com e na natureza. Para tanto, a referência conceitual de educação ambiental estabelecida pela PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), afirma que a educação ambiental torna-se uma importante ferramenta para a promoção e o desenvolvimento do ecoturismo a partir do momento em que sensibiliza e promove a modificação de valores e de atitudes nos indivíduos envolvidos, sendo ao mesmo tempo uma atividade educativa e valorizada economicamente.

Com isso, vislumbra-se a possibilidade de adoção do conceito de unidades de conservação estabelecido pelo SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000), que considera esses espaços territoriais enquanto espaços naturais relevantes do ponto de vista biológico, sendo mantidos sob o critério da conservação da natureza e, entretanto, sejam passíveis de serem adequados seus usos em função de sua proteção. Ademais, Ceballos-Lascuráin (2002) corrobora com os ideais dessa definição quando cita que essas áreas são consideradas privilegiadas para o desenvolvimento do

ecoturismo, pois mantém grande parte da biodiversidade conservada, constituindo assim, as grandes atrações tanto para os habitantes do local quanto para os turistas.

Procedimentos metodológicos

O turismo, enquanto um fenômeno social é compreendido como uma sub-área de conhecimento que se utiliza de métodos e de conceitos advindos de outras ciências sociais consolidadas, exatamente por não constituir uma ciência com um campo de princípios devidamente organizado e definido. Por isso, há a necessidade de analisá-lo diante das inter-relações interdisciplinares ocorridas entre os sujeitos sociais, os setores econômicos e suas implicações no ambiente natural (DENCKER, 2001).

No intuito de atingir os objetivos dessa pesquisa adotaram-se como procedimentos metodológicos o método qualitativo e as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de entrevista estruturada para coleta de dados, além das técnicas de análise documental e do Discurso do Sujeito Coletivo, para a análise dos dados.

As técnicas de pesquisa bibliográfica e documental foram utilizadas na coleta de materiais acerca das temáticas de ecoturismo e educação ambiental, sendo analisadas por meio da técnica de análise documental (RICHARDSON, 1999). Por meio dessas técnicas, foi possível estabelecer relações teórico-reflexivas entre o ecoturismo e a educação ambiental, bem como, identificar as formas pelas quais a educação ambiental pode ser aplicada ao ecoturismo. Além disso, utilizou-se a técnica de entrevista estruturada com perguntas abertas para a coleta de dados junto aos gestores das unidades de conservação administradas pelas esferas do setor público (municipal, estadual e federal), localizadas na Ilha de Santa Catarina e em seu entorno e que em síntese conformam o PEISC.

O universo da pesquisa foi composto pelo número estatístico de 32 unidades de conservação que formam o pólo, sendo que diante desse universo, aplicou-se um roteiro de entrevista⁶ aos gestores⁷ responsáveis pela amostragem de 13 unidades de conservação, administradas conforme as esferas do setor público (FATMA, 2004), nas respectivas instituições Floram – Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (9 unidades de

⁶ A aplicação desse roteiro de entrevista continha oito questões, mas para efeito de análise desse artigo serão apresentados os resultados obtidos por meio da análise de duas questões.

⁷ Como forma de resguardar a integridade da pesquisa e o anonimato dos entrevistados e, assim, evidenciar o caráter ético da pesquisa, adotou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

conservação), Fatma – Fundação do Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina (1 unidade de conservação) e Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (3 unidades de conservação).

Ressalta-se que esse pólo também é composto por unidades de conservação administradas por outras instituições, mas a opção em restringir-se às unidades de conservação administradas pelas esferas do poder público deu-se ao fato dessas unidades de conservação representarem uma maioria no universo da pesquisa e, assim, possibilitarem uma melhor representação das áreas naturais protegidas utilizadas pelo e para o ecoturismo no pólo.

Tanto para a elaboração do roteiro de entrevista quanto para a análise dos dados obtidos por meio da aplicação desse roteiro de entrevista, utilizou-se a técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003), que visa obter discursos (respostas) advindos da expressão subjetiva (consciência) do entrevistado, por meio da aplicação de perguntas abrangentes (abertas). Os autores (Ibid., p. 15-16) salientam ainda que o discurso do sujeito coletivo

[...] é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos [...]. A proposta [...] consiste [...] em analisar o material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos [...], as idéias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chave; com as expressões-chave das idéias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos síntese na primeira pessoa do singular⁸.

Após a seleção e identificação das expressões-chave (ECH), das idéias centrais (IC) e das ancoragens (AC) passa-se a elaborar o ou os DSC, compreendido por estes autores (Ibid., p. 18) como “[...] um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC”.

Por fim, Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 19) salientam ainda que com o DSC

[...] os discursos dos depoimentos não se anulam ou se reduzem a uma categoria comum unificadora já que o que se busca fazer é reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.

⁸ Para uma melhor compreensão e aprofundamento sobre a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo indica-se a leitura da obra de Lefèvre e Lefèvre (2003).

Nesse sentido, é importante salientar que as representações sociais estão relacionadas aos sujeitos de fora da comunidade científica, o que indica que as diferentes formas de pensar relacionam-se a um processo histórico social que deve ser compreendido a partir de uma configuração social coletiva (REIGOTA, 1998).

Justifica-se assim, o uso da técnica do DSC como uma das formas de detectar nos gestores das unidades de conservação do PEISC, a compreensão sobre a importância da educação ambiental aplicada ao ecoturismo. Permite-se com isso, balizar as análises dos discursos pela crença de que a representação social apresentada por esses indivíduos acerca dessas temáticas norteiam as suas práticas sociais. Portanto, após a aplicação das técnicas de pesquisa e a constatação de evidências teóricas e empíricas, realizou-se a interpretação dos dados e, conseqüentemente, o vislumbre de alguns resultados.

Resultados e discussões

✓ Evidências e reflexões bibliográficas e documentais

Na tentativa de estabelecer uma relação bibliográfica e documental entre o ecoturismo e a educação ambiental, partindo-se dos pressupostos de Pires (2002) e Serrano (2000a, 2000b), bem como, das considerações de Ramos (2005), pautado nos pressupostos de Fennell e Eagles (1990 *apud* FENNELL, 2002), além do confronto dos principais documentos públicos relacionados tanto ao ecoturismo e quanto à educação ambiental, sendo estes considerados as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo - DPNE (BARROS II e LA PENHA, 1994) e a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 1999), respectivamente, visualizou-se que as DPNE revelam que o ecoturismo deve ser promovido como um veículo da educação ambiental, mas a ação especificamente voltada à educação ambiental ('Conscientização e informação ao turista') propõe como estratégia o desenvolvimento da educação ambiental vinculado a programas de educação ambiental formal.

Nesse sentido, ressalta-se que o ecoturismo é desenvolvido em áreas estritamente naturais, que compreendem os espaços diferenciados dos espaços da educação ambiental formal (escola). Com isso, é necessário desenvolver a educação ambiental nos efetivos

espaços destinados ao desenvolvimento das atividades de ecoturismo, ou seja, ao ar livre (SORRENTINO, 1995 *apud* LEONARDI, 1999) e de modo não-formal (LEONARDI, 1999).

Já a PNEA (BRASIL, 1999), trata a educação ambiental não-formal como as práticas educativas relacionadas à sensibilização da sociedade perante as questões ambientais e, desse modo, assinala o ecoturismo enquanto um dos incentivos governamentais propostos à educação ambiental não-formal. Ao mesmo tempo em que essa política apresenta a proposta de desenvolver a educação ambiental não-formal por meio do ecoturismo, observa-se que há a necessidade de se identificar as formas pelas quais a educação ambiental não-formal ou ao ar livre são aplicadas ao ecoturismo, visto que essa política vislumbra possibilidades de ações a serem desenvolvidas, mas pouco detalha sobre as formas como estas poderiam efetivamente ocorrer.

Com isso, as formas de se realizar a educação ambiental não-formal e ao ar livre que possivelmente são ou possam ser aplicadas ao ecoturismo identificadas nessa pesquisa serão denominadas de ‘modalidades’ por serem convencionalmente utilizadas como as metodologias empregadas ao desenvolvimento de tais práticas educativas. De modo sucinto, então, a pesquisa identificou enquanto possíveis modalidades de educação ambiental aplicadas ao ecoturismo, o aprendizado seqüencial, a interpretação ambiental e a educação no processo de gestão ambiental.

Tanto o ‘Aprendizado Seqüencial’, desenvolvido por Cornell (1997), quanto a ‘Interpretação Ambiental’, idealizada por Ham (1992) evidenciam formas educativas pautadas em um processo metodológico contínuo⁹, desenvolvido no contato direto com a natureza. O Aprendizado Seqüencial caracteriza-se por um conjunto de princípios composto de quatro estágios que fluem de um para o outro, suave e naturalmente, fazendo com que o indivíduo passe pelos diferentes estágios e alcance estruturas mentais proporcionadas pelas experiências diretas e profundas com a natureza. Já a Interpretação Ambiental é caracterizada como algo a mais do que a mera transmissão de informações, sendo uma forma de revelar significados por ser amena, pertinente, organizada e com um tema.

Mendonça (2005, p. 169) afirma que as experiências diretas com a natureza (por exemplo, as atividades ecoturísticas) podem

[...] ativar uma energia mental totalmente nova e levar o visitante a experimentar, a partir da possibilidade e do estímulo à criatividade e à afetividade, novos sentimentos capazes de dar origem a novos pensamentos

⁹ Para uma maior compreensão do processo teórico-metodológico acerca dessas modalidades, sugere-se a leitura das obras de Cornell (1997) e de Ham (1992).

e, assim, a novas possibilidades de compatibilização e harmonização da presença humana no planeta.

Já a modalidade de 'Educação no Processo de Gestão Ambiental'¹⁰, idealizada e desenvolvida pelo Ibama (2006) considera a educação voltada aos aspectos ambientais como um processo de planejamento participativo aplicado, especificamente, às unidades de conservação e desenvolvido pelo envolvimento das populações / comunidades localizadas dentro ou no entorno das unidades de conservação, sendo baseado nos critérios de problema ambiental, conflito ambiental e potencialidade ambiental.

✓ Evidências e reflexões acerca dos discursos

Diante dessas possíveis relações teóricas entre o ecoturismo e a educação ambiental e, também, mediante a identificação das possíveis modalidades de educação ambiental aplicadas nas atividades de ecoturismo, pretende-se nesse momento, tecer diálogos em relação aos discursos dos atores sociais entrevistados nessa pesquisa.

Em relação à primeira questão aplicada aos gestores e/ou responsáveis pelas unidades de conservação, salienta-se que o intuito da aplicação da questão estava relacionado à compreensão da forma como esses atores sociais entendem a educação ambiental e, supostamente, isso levaria a forma como os mesmos a planejam ou a desenvolvem nas unidades de conservação.

Questão 1 – Para o Sr. (a) o que quer dizer educação ambiental?

DSC da IC A – processo de sensibilização

É um processo de sensibilização, tem que ser construído ao longo do tempo, um processo pedagógico, que insira educação ambiental. Sem a sensibilização, o conhecimento não chega, por que as pessoas, também, se elas não desejarem elas podem ter o conhecimento e faltar a vontade de trabalhar com esse meio ambiente, isso tá dentro do trabalho de educação ambiental, lógico que as formas de conscientização isoladas elas são uma sensibilização, quer dizer, menos que uma conscientização.

DSC da IC B – educação ambiental crítica

A educação ambiental ela passa por toda e qualquer atividade que possa fazer com que a

¹⁰ Para uma maior compreensão do processo teórico-metodológico acerca da educação no processo de gestão ambiental, sugere-se a leitura da obra do Ibama (2006).

peessoa ela avalie suas atitudes com relação ao ambiente em que ela está inserida e reflita sobre isso, mudando o seu comportamento, visa a transformação, a sensibilidade das pessoas no caso ambiental para a questão ambiental.

DSC da IC C – educação relacionada com o ambiente

Acho que toda educação tem a ver com o ambiente, envolve o conceito de meio ambiente e, por isso, são muitos temas que envolvem a educação ambiental, então é complexo assim, é bem amplo.

O DSC da IC A retrata a educação ambiental como um processo de sensibilização que leva o indivíduo a se conscientizar, conforme os pressupostos de Freire (1980). Esse processo pode ser considerado de ação–reflexão–ação, pois proporciona a sensibilização aos seus envolvidos e faz com que os mesmos repensem seus valores e suas atitudes se auto-conscientizando¹¹.

Constata-se no DSC da IC B que no processo de educação ambiental há um posicionamento crítico pelo qual o indivíduo reflete sobre uma determinada situação ambiental, modifica seu comportamento perante àquela situação e, possivelmente, a transforma.

Diante do DSC da IC C, percebe-se que a educação e, em especial, a educação ambiental é composta por diferentes e multivariadas temáticas e, por isso, pode também ser considerada uma área de estudo interdisciplinar.

Já a questão 2, foi elaborada a partir do pressuposto de que a educação ambiental poderia ser considerada tanto uma ferramenta, quanto um meio para o planejamento e o desenvolvimento do ecoturismo em benefício da conservação da natureza. Pressupôs-se também que os atores sociais envolvidos com o ecoturismo desconhecessem as formas pelas quais a educação ambiental poderia ser aplicada ao ecoturismo e, com isso, tentou-se descobrir quais eram/são as modalidades de educação ambiental ou quais são as características dessas modalidades presentes no trabalho desses atores com o ecoturismo.

Questão 2 – Agora, eu vou dizer uma frase e quero saber se o Sr. (a) concorda ou discorda e por que. A frase é: A educação ambiental pode ser uma ferramenta do ecoturismo para a conservação da natureza, mas, pouco se sabe sobre quais e como são desenvolvidas as modalidades (metodologias) de educação ambiental nessa atividade.

¹¹ É importante esclarecer, assim como pontuam Freire (1980) e Guimarães (2005) que sensibilização e conscientização não são sinônimos, pois se tem a idéia de que sensibilizar é tocar profundamente os sentidos de

DSC da IC A – A educação ambiental como ferramenta do ecoturismo para a conservação da natureza

A educação com certeza é e pode ser uma ferramenta para a conservação da natureza dentro do ecoturismo e deve ser, né? pode haver as duas coisas, você pode trabalhar com a educação ambiental dentro do ecoturismo, pode trabalhar com o ecoturismo como uma ferramenta num planejamento de educação ambiental, uma vez que quem trabalha com essas atividades tá trabalhando com pessoas, tá trabalhando dentro de áreas, geralmente, com grande relevância ecológica e ali há um potencial gigantesco para você trabalhar diversos temas, pegar seja na escalada, no rafting, vôo livre, em trilhas ou simplesmente uma recreação no rio, uma natação, enfim... Ela é feita das mais diversas formas e tem formas que acabam sendo um adestramento da pessoa que também não leva a nada. Nós trabalhamos com palestras, por exemplo, palestras tanto aqui, dentro de sala de aula (auditório), como também em campo, a parte de jogos, atividades né? que envolvam as... por exemplo, as questões sensoriais da pessoa... tato, audição, visão, observação, desenho – a parte artística. Dentro desse processo das unidades de conservação trabalhar a educação ambiental com os turistas é muito difícil porque você não educa o turista, você sensibiliza ele, porque ele vem uma vez aqui e vai embora, de repente nunca mais vai aparecer, então, não posso falar que eu fiz uma educação. Educação é se eu tivesse um acompanhamento desse turista, ele viesse várias vezes aqui, tivesse um contato com a gente e tal.

DSC da IC B – desconhecimento das metodologias de educação ambiental

É eu não conheço muito as ações de educação ambiental desenvolvidas no turismo e que tenham dado os resultados... conheço muito pouco, realmente, eu não seria a pessoa ideal pra dá essa avaliação, mas acho que as metodologias de educação desenvolvidas por essas atividades, na verdade existem sistematizadas dessas informações, só que elas são muito isoladas, não é que não se sabe, é tem uma coisa lá outra coisa num sei aonde. O que talvez não se conhece não é tanto as metodologias, mas é o status, eu acho, o status dessa atividade no ecoturismo, ou seja, como é que as pessoas hoje é... tão fazendo isso, ou se tão ou não tão mas, método tem, vários tipos de métodos diferentes e tem bastante material sistematizado, só que não concentrado, se encontra num local aqui, outro lá.

DSC da IC C – educação ambiental formal

Concordo, concordo plenamente! A gente se coloca aí a disposição das universidades em todos os cursos pra tá fazendo sensibilização ambiental, pra tá passando conhecimento, pra tá fazendo um trabalho mais contínuo e aí sim envolver um processo de educação, por exemplo, as escolas, trabalhar a educação ambiental nas escolas. Só que o que acontece são poucas as universidades ainda hoje que colocam isso dentro do seu currículo, né? E a metodologia desse trabalho é primeiro sensibilizar, depois trabalhar com o conteúdo realmente, como o conhecimento, as informações e aí então, o contato, o contato direto.

No DSC da IC A constata-se a possibilidade da educação ambiental ser, além de um dos componentes, uma ferramenta do ecoturismo para a conservação da natureza, bem como, do ecoturismo também ser entendido como um meio ao planejamento da educação ambiental.

um indivíduo, e conscientizar é um processo individual realizado ao se interiorizar valores e a agir de acordo com os mesmos (mudança individual de comportamento).

Dessa forma, acredita-se que essas duas áreas configuram-se simultaneamente como componente e ferramenta de um processo indissociável de planejamento de suas atividades.

Esse DSC apresenta ainda algumas formas pelas quais a educação ambiental pode ser trabalhada no ecoturismo, variando desde palestras em um sentido mais formal de atuação, até mesmo por meio de atividades recreativas, relacionadas ao aspecto não-formal. Mesmo assim, deixa de relevar a forma sistematizada de como esse processo ocorre, bem como, suas características, suas vantagens e/ou desvantagens. O discurso levanta ainda, a questão de que trabalhar com ações educativas em atividades turísticas é algo difícil, pois não se educa o turista, apenas o sensibiliza, apresentando a idéia de ser algo não contínuo. Nesse caso, ressalta-se que o ato da sensibilização faz parte do processo de educação, sendo talvez a sua primeira etapa.

O DSC da IC B demonstra que por mais que se tenham formas de realizar a educação ambiental ainda há o desconhecimento de seus escopos teórico-metodológicos e, conseqüentemente, há a realização de práticas educacionais despreziosas, tendo muitas vezes um caráter puramente informativo ou mesmo um caráter pouco crítico, o que se pressupõe pouco resultado no ato de sensibilizar o indivíduo, no sentido de possibilitar a intenção de modificação de seus valores e de suas atitudes.

Já o DSC da IC C revela, primeiramente, a idéia sobre uma educação ambiental ainda bastante arraigada ao ensino formal (escolar), além do mais, coloca em pauta o diálogo sobre a inserção da educação ambiental no currículo escolar. Posteriormente, explicita uma forma sistematizada (etapas de um processo), mas sem denominação para se trabalhar a educação, que possivelmente, pode ser adaptada e aplicada às atividades de ecoturismo.

Considerações finais

Na relação entre as possibilidades de aplicação das modalidades de educação ambiental no ecoturismo, há uma condição simultânea, sendo que ao mesmo tempo em que o ecoturismo serve de meio condutor para o desenvolvimento da educação ambiental, esta se comporta com uma imprescindível ferramenta ao planejamento e ao desenvolvimento do ecoturismo. Isso se justifica, principalmente, pela educação ambiental proporcionar aos seus envolvidos uma compreensão crítica da realidade ambiental que os cercam, a partir do momento em que possibilita uma nova visão de mundo permeada pela modificação de valores e de atitudes em benefício da conservação da natureza.

E, nesse sentido, o desenvolvimento de um processo educacional, pautado por etapas teórico-metodológicas, voltado e estimulado pelas sensações e pelas experiências diretas com a natureza, pode estar relacionado às modalidades de educação ambiental e podem alcançar os objetivos estipulados pelo conceito de educação ambiental da PNEA (BRASIL, 1999). Por isso, considera-se importante a aplicação sistematizada da educação ambiental, norteada tanto pelo poder público, por meio de suas políticas, como também pelo envolvimento da iniciativa privada e da comunidade local, no desenvolvimento de atividades relacionadas ao ecoturismo nas unidades de conservação, inclusive as do PEISC.

Diante disso, salienta-se também como importante a contribuição proporcionada pela utilização da técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que possibilitou uma multiplicidade de dados a serem analisados interdisciplinarmente, bem como, a evidência das representações sociais dos entrevistados que remeteram a condição de se considerar os discursos enquanto efetivas práticas sociais. Ainda em relação à técnica do DSC, indica-se como futura possibilidade de continuidade da pesquisa, a tentativa de análise em campo das atividades desenvolvidas na interface do ecoturismo e da educação ambiental no PEISC, para que seja possível confrontar a veracidade dos discursos aqui apresentados.

Referências

BARROS II, Silvio Magalhães. LA PENHA, Denise Hamú M. (Coord.). **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR, 1994.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Lex: legislação federal**. Brasília: DF; 1999. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/pdf/lei979599.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2005.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Lex: legislação federal**. Brasília: DF; 2000. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>>. Acesso em: 23 out. 2005.

CASCINO, Fábio. Do turismo convencional ao ecolazer: análise dos fundamentos éticos e estéticos do lazer associado à natureza. **CEDEC: debates socio ambientais**, ano III, nº9, p. 08-10, mar./jun., 1998.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Hector. O ecoturismo como um fenômeno mundial. *In*: LINDBERG, Kreg. HAWKINS, Donald E. (Org.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 23-29.

CORNELL, Joseph. **A alegria de brincar com a natureza: atividades na natureza para todas as idades**. São Paulo: SENAC, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.

FATMA – FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE. **Tabela preliminar das áreas protegidas em Santa Catarina**. Santa Catarina, 2004.

FENNELL, David. **Ecoturismo: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GUIMARÃES, Mauro. Intervenção educacional: do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”. *In*: FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio (Org.) **Encontros e caminhos: formação e educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, 2005, p. 191-199.

HAM, Sam H. **Interpretación ambiental: una guía práctica para gente con grandes ideas y presupuestos pequeños**. Colorado: Fulcrum Golden, 1992.

IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS. **Como o Ibama exerce a educação ambiental**. 2. ed. Brasília: Ibama, 2006.

LEFÈVRE, Fernando. LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. ed. ver. e ampl. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEONARDI, Maria Lúcia Azevedo. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual. *In*: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Meio**

ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. 2.ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fund. Joaquim Nabuco, 1999, p. 391-408.

MAGALHÃES, Guilherme Wendel de (Coord.). **Pólos de ecoturismo:** Brasil. São Paulo: Terragraph, 2001.

MASTNY, Lisa. Redirecionando o turismo internacional. *In:* WORLDWATCH INSTITUTE. **O Estado do Mundo, 2004:** estado do consumo e o consumo sustentável. Salvador: Ed. Uma, 2004, p. 117-146.

MENDONÇA, Rita. Educação ambiental e ecoturismo. *In:* NEIMAN, Zysman. MENDONÇA, Rita. (Org.). **Ecoturismo no Brasil.** Barueri: Manole, 2005b, p. 154-169.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável.** Porto Alegre: Bookman, 2003.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

RAMOS, Marcelo. Aventura e turismo de aventura: faces mutantes. *In:* TRIGO, Luiz G. G. (Edit.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: ROCA, 2005, p. 469-479.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Adyr. Ecoturismo: limites do eco e da ética. *In:* _____ (Org.). **Ecoturismo no Brasil:** possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003, p. 29-45.

SERRANO, Célia. A educação pelas pedras: uma introdução. *In:* SERRANO, Célia (Org.). **A educação pelas pedras:** ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2000a, p. 07-24.

_____. O “produto” ecoturístico. *In*: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo**: como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000b, p. 203–234.

WESTERN, David. Prefácio: Como definir o ecoturismo. *In*: LINDBERG, Kreg. HAWKINS, Donald. (Org.). **Ecoturismo**: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 13-22.